

As Representações Sociais no telejornalismo regional da região sudeste: imagens do trote estudantil racista ¹

Anaelson Leandro de SOUSA²
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Juazeiro, BA
Universidade Estácio de Sá - UNESA, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Os trotes estudantis são ritos de passagem de estudantes universitários calouros que acontecem desde a criação dos primeiros superiores no Brasil. Muitas vezes a realização desta prática é marcada por atos discriminatórios, culminando em violência física e simbólica. O objetivo deste texto é analisar as representações sociais do racismo, veiculados no telejornalismo local. Com base teórica apoiada nos conceitos representações hegemônicas e polêmicas (MOSCOVICI, 1988), empregamos o protocolo metodológico Análise de Imagem em Movimento (ROSE, 2003). Os resultados parciais indicam que as representações sociais revelam imagens de práticas totalitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Racismo; Telejornalismo; Análise de Imagens em Movimento; Trote Estudantil

INTRODUÇÃO

O trote estudantil é uma tradição que remonta à Antiguidade. Na Idade Média, quando houve a retomada dos cursos superiores e das primeiras universidades no formato que conhecemos hoje, a tradição realizar brincadeiras com os novatos já existia. Zuin (2002) entende o trote estudantil como um rito de passagem tradicional marcado pela violência física e psíquica, e que os agentes educacionais devem ver de forma crítica a integração de novos estudantes quando é pautada pela humilhação.

As raízes dos trotes violentos no Brasil decorrem da tradição estudantil portuguesa, principalmente da Universidade de Coimbra, que foram introduzidos no país nos primeiros de engenharia, medicina e direito no início do século XIX. Na mídia brasileira, o primeiro caso de trote com gravidade aconteceu em 1831³.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho: Comunicação antirracista, pensamento afrodiaspórico e interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Professor do Curso de Jornalismo da UNEB, Juazeiro/BA; Doutorando em Educação pelo PPGE/UNESA, Rio de Janeiro/RJ, email: anaelsonleandro@gmail.com

³ Na edição de 2 de abril de 1831 o Diário de Pernambuco noticiou que o veterano do curso de Direito Joaquim Serapião de Carvalho esfaqueou o calouro Cunha Menezes, de 19 anos, filho do Visconde de Rio Vermelho, em uma ladeira da cidade de Olinda, nas proximidades da faculdade (DIÁRIO, 1831, p.2-3);

A presença de estudantes afro-brasileiros nas universidades brasileiras, apesar de não numerosa, é conhecida desde a segunda a metade do século XIX. Grande parte dos abolicionistas do século XIX foram estudantes e passaram pela tradição do trote, como Luís Gama, Silva Jardim, José do Patrocínio e outros. Atualmente, o número de estudantes negros é bem maior⁴ e este fato deve-se a Reforma da Educação Superior do governo Lula da Silva iniciada em 2003 (OTRANTO, 2006), e a Lei 12.711/2012 onde prevê que as universidades federais reservem 50% das vagas para alunos que tenham feito todo o Ensino Médio em escolas públicas, com cotas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Com isso, aumentou também a prática do trote estudantil, principalmente nas cidades de interior. Encontramos ainda uma grande documentação de trotes preconceituosos, que violam os direitos da pessoa.

Como ponto de partida para a análise dos trotes estudantis racistas, objeto principal do texto em questão, é preciso buscar um entendimento do que é racismo. Mbembe (2018) ao realizar uma crítica histórica ao papel exercido pela raça e pelo racismo na gênese dos Estados modernos, afirma que no continente americano houve a “fabricação de sujeitos raciais”, e que esta começou pela destituição cívica, e consequente exclusão de privilégios dos negros (MBEMBE, 2018. p. 45). Por sua vez, Kilomba (2019, p.37) ao refletir sobre o mundo conceitual do branco, alega que o sujeito negro é identificado como o objeto “ruim”, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, permitindo à branquitude olhar para si de forma moralmente ideal, decente, civilizada.

No início do século XXI, Ianni (2004, p.22) entendeu que o mundo está vivendo novamente o retorno do processo de racialização do mundo. Para ele, o que ocorreu no passado é revivido quando indivíduos e coletividades, povos e nações são levados a compreender que são definidos pela etnia, a transformação da etnia em raça, a transfiguração da aparência fenotípico em estigma. No Brasil, de acordo com Almeida (2018), o racismo no Brasil acontece de forma estruturada e é “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Para pensar de forma mais específica o trote racista e suas representações na mídia, podemos nos apoiar em Collins (2019), que ao abordar o pensamento feminino negro afirma

⁴ O número de matrículas de negros e pardos na rede federal de ensino, segundo o INEP (2020) é de 52%

que elas ainda são representadas de forma objetificada e subalternizada, e com isso são geradas “imagens de controle”, e estas “são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (2019, p. 136). Outra maneira de pensar esta modalidade de trote é através do conceito de racismo recreativo. Moreira (2019) afirma que é comum ouvirmos o argumento segundo o qual produções culturais que reproduzem estereótipos raciais não são discriminatórias porque promove a descontração das pessoas. O autor defende a hipótese de que o humor racista não possui natureza benigna por ser um meio de propagação de hostilidade racial. “Este conceito designa um tipo de específico de opressão racial: a circulação de imagens derogatórias que expressam desprezo por minorias raciais na forma de humor, fator que compromete o status cultural e material dos membros desses grupos. “O estabelecimento de um grupo racial como parâmetro cultural universal permite que as características de seus membros, sejam elas reais ou imaginadas, possam ser institucionalizadas por meio da construção da identidade desse grupo como expressão única da humanidade” (MOREIRA, 2019, p. 55). Por fim, seguimos o entendimento de Moore (2007) quando afirma que a insensibilidade é produto do racismo” “O racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-os inevitavelmente à trivialização e banalização” (MOORE, 2007, p.23).

O objetivo deste texto é analisar as representações sociais do racismo no telejornalismo da região sudeste. O *corpus* foi constituído a partir dos noticiários de emissoras afiliadas ao Grupo Globo. O tema foi pesquisado na plataforma Globo Play, com recorte para o período de 2011 a 2020. A metodologia utilizada é a Análise de Imagem em Movimento (ROSE, 2008), e a base teórica esta apoiada nos conceitos representações sociais hegemônicas e polêmicas (MOSCOVICI, 1988).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria das Representações Sociais foi originada através da tese de doutorado do psicólogo social Serge Moscovici quando pesquisou a popularização do conceito científico de psicanálise entre grupos sociais e nos jornais franceses na década de 1950. Para Moscovici (2012) a representação social é uma modalidade de conhecimento particular a comunicação entre indivíduos e a elaboração de comportamentos. Como contribuição aos estudos da comunicação, Moscovici ([1961] 2012) identificou em sua tese três dimensões comunicativas relacionadas a edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo, sobre os quais

correspondem os seguintes gêneros ou sistemas de comunicação: difusão (relacionada à formação das opiniões); propagação (relacionada à formação das atitudes); e propaganda (refere-se à formação de estereótipos). Jodelet (2001, p.30) reconhece que a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, surge como condição que possibilita e determina representações e pensamentos sociais.

Na década de 1980 o próprio Moscovici atualiza seu conceito de sistema de comunicação e afirma que os tipos de representações sociais que circulam em nosso sistema cultural são: representações hegemônicas, representações emancipadas e representações polêmicas (MOSCOVICI, 1988). A primeira está relacionada a comunicação para um público heterogêneo, e pode atingir espaços geográficos múltiplos, de regiões e até um país; a representação emancipada permeia os públicos segmentados; e as representações polêmicas ocorrem a partir da circulação de temas específicos e que repercutem na sociedade, como é o caso do racismo. Portanto, estes tipos de representações sociais podem ser difundidos através da mídia, assim, colocando em circulação os saberes do senso comum.

METODOLOGIA

O protocolo metodológico da análise da imagem em movimento foi desenvolvido originalmente para investigar as representações da loucura na televisão inglesa, contudo, a autora desta ferramenta (ROSE, 2008) afirma que a sua aplicação pode ser ampliada para a observação de outros contextos, pois as técnicas empregadas podem orientar a investigação de muitas representações sociais no mundo audiovisual. Desta forma, encontramos a principal razão para que ela seja empregada na análise do racismo no telejornalismo regional das emissoras afiliadas ao Grupo Globo na região sudeste.

A análise de Imagens em Movimento, segundo Rose (2008), sugere que o conteúdo seja analisado em diversas etapas. O primeiro passo é a seleção: nessa etapa é importante selecionar o que será analisado utilizando-se de critérios que possa estabelecer o registro deixando de fora o que não prejudique a análise. De acordo com Rose (2008) o material deverá ser selecionado, registrado e transcrito. A transcrição é feita em duas colunas. A primeira, na coluna esquerda, deve transcrever os aspectos visuais (códigos icônicos) e a segunda, na coluna direita, é uma transcrição literal do material verbal (códigos linguísticos).

PRINCIPAIS RESULTADOS

A partir das imagens selecionadas na plataforma Globo Play (Tabela 1) foram identificados trotes racistas apenas em telejornais de Minas Gerais (MG2), São Paulo (Bom Dia SP) e Rio de Janeiro (RJ Inter TV). A maioria dos trotes ocorrem em cidades do interior (Botucatu/SP e Macaé/RJ), e somente em Minas Gerais, os fatos surgiram na Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Em outros espaços informativos percebemos que estes trotes racistas repercutiram também nas esferas acadêmicas e judiciais, o que levou à responsabilização dos praticantes com advertências e até expulsão da universidade.

Todas as imagens de práticas discriminatórias veiculadas pelas praças telejornalísticas usaram como fonte a internet. Ou seja, primeiro surgiram como representações sociais polêmicas, e a partir de sua repercussão, foram impulsionadas como representações sociais hegemônicas, possibilitando a divulgação para outros públicos. No conteúdo apurado pela Análise de Imagens em Movimento (ROSE, 2008), identificamos representações de racismo recreativo (MOREIRA, 2019) que nos remetem à escravidão, nazismo, seita racista *Klu Klux Klan*⁵ e prática de *Black face*⁶.

Tabela 1 – Imagens de trotes racistas no telejornalismo local (2011-2020)

Código Linguístico	Código icônicos
<p>Telejornal MG2, 19 mar 2013</p> <p>Repórter: As fotos circularam na internet// Esta/ mostra uma caloura pintada de preto// A corrente presa às mãos é puxada por um estudante de direito// O cartaz diz que ela é Chica da Silva/ uma escrava que viveu em Diamantina</p>	
<p>Telejornal MG2, 19 mar 2013</p> <p>Repórter: Outra foto mostra um calouro amarrado enquanto quatro estudantes estendem o braço direito/ lembrando o gesto nazista// O trote pra recepcionar os novos alunos foi na sexta-feira/ no prédio da faculdade//</p>	

⁵ Klu Klux Klan (KKK) foi uma organização secreta que visava manter as práticas racistas e os privilégios que a população branca norte-americana tinha antes da guerra civil (1861-1865, assim como combater os grupos sociais que eram considerados seus inimigos: afro-americanos, católicos, judeus e imigrantes. In: <https://www.fflch.usp.br/159845>. Acesado em 18 de abril de 2024;

⁶ O blackface é uma prática onde pessoas negras são ridicularizadas para o entretenimento de brancos. Teve início no século 19, quando atores brancos usavam tinta para pintar os rostos de preto em espetáculos humorísticos, gerando estereótipos negativos associados aos negros. In: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321>. Acesado em 18 de abril de 2024.

<p>Bom Dia SP, 31 mar 2015</p> <p>Apresentadora: A direção da UNESP disse que vai investigar o trote de estudantes de medicina no campus de Botucatu// Os alunos do sexto ano estavam vestidos com trajes que lembram uma seita racista norte americana chamada Klu Klux Klan/ que é conhecida por defender a supremacia branca// Nas fotos que a gente vai ver aí os veteranos aparecem carregando tochas e com os rostos cobertos e os calouros estão ajoelhados aos pés dos veteranos</p>	
<p>RJ Inter TV 1ª Edição, 7 de mar 2020</p> <p>Apresentadora: A caloura, que é branca, teve a pele pintada de preto e aparece na imagem segurando uma bebida e um avental/ como se fosse uma garçonete. Esta imagem foi publicada nas redes sociais, causou uma avalanche de comentários repudiando o comportamento, que foi considerado racista com o uso do <i>black face</i>//</p>	

Elaboração própria

CONCLUSÃO

Apesar da pesquisa estar em fase inicial, temos duas constatações: as representações do trote racista foram elaboradas com intuito recreativo, e circulam com mais intensidade na internet como “representações polêmicas” e, posteriormente, como “representações hegemônicas” nas pautas dos telejornais na região sudeste no período de 2011-2020.

Como representação hegemônica, o trote racista articula um pensamento que aponta para um “trote estudantil totalitário”, que nos leva a Ianni (2004) quando nos alerta sobre o retorno do processo de racialização do mundo. São representações que indicam um certo risco de retrocesso civilizatório, e que já foi estudando por Adorno (1995), representante da corrente teórica crítica da comunicação, e que em suas observações sobre o campo da educação, afirmou: “A brutalidade de hábitos tais como os **trotos** de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enalteceram e cultivaram tais barbaridades com o nome de ‘costumes’”(1995, p.128, grifo nosso).

Sendo o trote uma tradição acadêmica, ancorada em costumes, percebemos o encontro de representações de totalitarismo⁷ que deveriam ser abolidas, mas que encontra reflexo no que deveria ser uma brincadeira de boas-vindas à calouros.

⁷ Para uma maior discussão sobre trote estudantil e totalitarismo, ver: OLIVEIRA, Felipe Scalisa. Trote e totalitarismo: Um novo relato sobre a banalidade do mal. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2024.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. Educação e emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** São Paulo: Boitempo editorial, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

IANNI, O. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**, v.18 n.50, p. 6-20, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9965>. Acesso em: 27 fev. 2024

MBEMBE, Aquille. **Crítica da Razão Negra.** Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo.** Rio de Janeiro: Pólen, 2019.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

OTRANTO, Célia Regina. Reforma da educação superior do governo Lula: da inspiração à implantação. In: SILVA JÚNIOR, João dos Reis et al (Orgs.) **Reforma universitária: dimensões e perspectivas.** São Paulo: Alínea, 2006.

ROSE, Diana. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, M. W; GASKELL, G (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 7ª edição. Trad. Pedrinho A. Guaresch. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, p. 343-364.

Periódicos:

DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, n. 71, 2 abr. 1831.